

AGENTES PERDOADOS PELO POVO ^{N. 12/1/80} REVELAM AS MARCAS DA "QUIZUMBA"

BEIRA (Delegação) – Um grupo de elementos que desertaram das fileiras do inimigo, outros capturados em combate pelo braço armado do Povo moçambicano, as FPLM, e, ainda, a reconhecer as nossas posições civis e militares para a realização de posteriores agressões e ataques ao nosso País, prestaram declarações à Informação nacional nesta cidade, relatando como se processa o recrutamento, treino e actuação das forças inimigas.

A grande maioria destes elementos, actualmente livres – e que em tempo recente beneficiaram de medidas de clemência do Partido FRELIMO e do Governo da República Popular de Moçambique, prática desde há muito materializada pelo Partido de Vanguarda do Povo moçambicano desde o decurso da guerra de libertação nacional – faziam parte de um numeroso grupo de passageiros raptados de um autocarro da "ROMOS", durante um "raid" do inimigo, em Agosto do ano passado, na zona do Inchope.

Mais tarde, eles receberam treino militar na Rodésia do Sul e, posteriormente foram infiltrados no interior do País, a fim de aqui efectuarem agressões armadas contra populações indefesas e, sobretudo, alvos económicos.

Nas suas declarações, está bem patente a forma de actuação do inimigo, particularmente a sua sanha criminosas, sendo os objectivos e alvos sempre os mesmos: destruição das nossas infra-estruturas económicas, assassinato indiscriminado de elementos da população e o estabelecimento de um clima de instabilidade.

Estes grupos de contra-revolucionários têm sido sistematicamente desmantelados e aniquilados pelas Forças Populares de Libertação de Moçambique, que lhes movem perseguição tenaz e luta sem quartel, alcançando significativas vitórias, neutralizando os invasores e seus cabecilhas e frustrando os seus criminosos intentos.

Hoje, muitos deles abandonaram as fileiras do inimigo para se entregarem ao Povo. Ainda nos seus relatos foram reveladas claramente quer a situação vivida no campo do inimigo — onde os maus tratos, espancamentos e roubos são frequentes — quer, a forma como eram realizadas as suas investidas criminosas contra o nosso País, em par-



Sacur Cassamo

ticular a fúria e sanha sanguinárias dos invasores, assim como a usurpação e destruição dos bens do nosso Povo.

«NINGUÉM NOS MANDOU FUZILAR»

Pela sua particular importância e função esclarecedora apresentamos primeiramente o depoimento de Eduardo Manuel Daomé, um dos elementos que desertou das fileiras do inimigo. É, também, um dos 45 elementos que beneficiou da política de clemência da FRELIMO — Partido de Vanguarda,

passado dia 9 de Agosto de 1979. Levaram-me para a Rodésia do Sul, onde, durante dois meses, recebi treinos psicológico e mili-



Tesoura Mamia

tar, no Centro de Kembe. Depois dos treinos fui integrado num grupo de 60 homens, que vinha desenvolvendo acções no interior de Moçambique. Não cheguei a actuar. Eu e mais sete companheiros, também raptados juntamente comigo, no mesmo dia, na zona do Inchope, fugimos do inimigo. Fomos entregues às populações, em Manica, que nos conduziram aos elementos das forças de Defesa e Segurança. Viemos com tudo. Trouxemos farda e o armamento que o inimigo nos deu para matar as nossas próprias populações, e sabotar a economia moçambicana. Viemos e nada aconteceu. Não nos sucedeu nada daquilo que o inimigo apregoava. Ninguém nos mandou fuzilar! Ninguém nos cortou o pescoço! Estou vivo e livre!...

Este elemento, que de uma forma forçada e imposta viveu no campo do inimigo, mas que, corajosamente, desertou das suas hostes, foi bem recebido e tratado pelas nossas forças de Defesa e Segurança.

«Ninguém me molestou, maltratou ou mandou fuzilar-me. Pelo contrário», — concluiu Eduardo Manuel Daomé.

Juntamente com ele, mais dois indivíduos, Safrado Mufaniquiço e Sacur Cassamo, igualmente raptados na zona do Inchope, falaram

à Informação: Eis alguns extractos das suas declarações:

«(...) Éramos 60 mancebos e viajávamos de Massinga, província de Inhambane, num autocarro da «ROMOS», quando, já perto do nosso destino, que era o Dondo (onde se encontra localizado um centro de preparação militar das FPLM), fomos surpreendidos por um numeroso e fortemente armado grupo de contra-revolucionários, que nos obrigou a descer do autocarro. Após terem queimado o machimbombo, esses elementos levaram consigo todos os ocupantes para o seu refúgio, situado nas proximidades do local do assalto».

AS MARCAS DO INIMIGO

Depois de explicarem mais detalhadamente aquela acção criminosas das forças do inimigo, Safrado Mufaniquiço e Sacur Cassamo relataram-nos como foram levados para o campo de treinos, na Rodésia do Sul:

«Pelo caminho, fomos amarrados, espancados e intimidados com as armas, como forma de impedir a nossa fuga. Fomos igualmente insultados e ameaçados de morte».

Noutro passo da entrevista, aqueles três indivíduos referiram-se à maneira de actuar dos assassinos e traideres, a soldo do inimigo.

«Eles vivem à custa de roubos e daquilo que tiram e levam das machambas das populações e dos carros que assaltam. (...) Nós comíamos papas e eles galinhas e «maçarocas» que arrancavam, à força das baionetas, das machambas situadas ao longo do caminho para a Rodésia do Sul. Eles vivem assim: a roubar e a matar populações indefesas. Isto ninguém nos contou. Tivemos a oportunidade de viver e ver com os nossos próprios olhos...».

OS «TREINOS» NA RODESIA DO SUL

Após nos terem relatado aquilo por que passaram e como foi a sua ida até à Rodésia do Sul («levámos seis dias a chegar até lá»), os nossos interlocutores acrescentaram:

«No Centro de Kembe, para além da preparação militar que tínhamos todos os dias, recebíamos também «política contra Moçambique». Queremos acrescentar que nesse campo de treinos, onde estivemos durante dois meses, havia, para além dos contra-revolucionários, mercenários portugueses e alguns «boers». Fimdos os treinos, fomos integrados num grupo de 60 homens, com a «missão» de realizar incursões armadas no interior de Moçambique».

DESERÇÃO DAS FILEIRAS INIMIGAS

Por último, aqueles elementos falaram da sua fuga e regresso ao território nacional.

onde se entregaram às forças de Defesa e Segurança da República Popular de Moçambique.

«(...) Conseguimos fugir da seguinte forma: Já em Moçambique, fomos divididos em dois grupos de cinco elementos cada. Saímos para reconhecer a zona. No percurso, combinámos a forma de fugir. Foi de noite. Quando os outros estavam a dormir, o sentinela, que era dos «nossos» (!) indicou-nos que aquele seria o momento propício para a fuga. Desertámos apenas quatro. O outro elemento, comprometido com o inimigo, não foi despertado pela sentinela.

«Atravessámos rios e florestas. Andámos à deriva, porque não sabíamos onde nos encontrávamos, até que deparámos com uma povoação. Escondemos a farda e o armamento e fomos ter com a população. Como a vigilância popular é muito aguda naquela zona de Manica, mandaram-nos aguardar e, um elemento do Povo, foi chamar uma guarnição



Vasco Tomocene



António Marques

das FPLM. Levaram-nos para Chimoio e, daí, seguimos para a cidade da Beira, onde agora nos encontramos vivos e livres».

OUTROS DEPOIMENTOS SIGNIFICATIVOS

Ainda na mesma altura, prestaram declarações à Informação alguns indivíduos que foram surpreendidos pelas Forças Populares de Libertação de Moçambique quando tentavam reconhecer objectivos económicos e militares no nosso País. Alguns deles, tal como muitos outros, haviam sido raptados quando se encontravam nos seus locais de trabalho, ou mesmo quando para estes se dirigiam, nos distritos de Gorongosa e Manica. Posteriormente, alguns destes homens entregaram-se às forças de Defesa e Segurança nacionais, beneficiando, igualmente, da política de clemência do Partido FRELIMO e Governo.

«Fui raptado, juntamente com mais oito pessoas, durante um ataque inimigo à Escola Primária de Cherari, na Província de Manica» — afirmou Duzai David, para depois prosseguir:

«Após receber treino militar na Rodésia do Sul, participei em três incursões armadas, duas delas em território moçambicano. Mandaram-me fazer uma operação de reconhecimento a Chimoio, visto ser «miúdo» e as Forças Populares não podiam desconfiar de mim... Quando cheguei ao controle de Musica, os soldados das FPLM pediram que me identificasse. Como não tinha documentos,



Luís Domingos

eles desconfiaram e detiveram-me. Fizera várias perguntas e acabei por confessar tudo...».

Luís Domingos e António Marques são dois dos elementos do inimigo capturados quando desenvolviam acções de espionagem e agressão contra alvos económicos e militares. Entre elas, contam-se assaltos a estabelecimentos comerciais, com o objectivo de furtar peças de vestuário, dinheiro e géneros alimentícios.

«Queimámos casas e assaltámos machambas para arrancar delas os produtos que necessitávamos para a nossa alimentação» — confessou António Marques.

Por seu turno, Luís Domingos esteve implicado no ataque às gasolinehas da Munhava, na cidade da Beira, guardando um helicóptero que estava integrado nessa acção criminosa.

Vasco Tomocene e Tesoura Jamia foram raptados pelos contra-revolucionários, na Estação Agrária do Sussundenga e numa unidade de produção do GAPPO em Manica, respectivamente.

«Quando nos raptaram, fomos transportados para a Rodésia do Sul, onde recebemos treinos militares. A vida naquele campo é mesmo muito má. Um dia conseguimos escapar, iludindo a vigilância que, sobre nós, era exercida, e fomos entregues às populações de Manica.

«Não fomos fuzilados como apregoam os agentes do inimigo. É tudo falso o que eles andam a pregar. Estamos livres e beneficiámos da política de clemência da FRELIMO».



Safrado Mufaniquiço



Eduardo Manuel Daomé



Duzal David